

Educação é a chave para emprego

JORNAL DO BRASIL

* 4 DEZ 1997

RUBEM MEDINA*

A cúpula da União Européia se reuniu na semana que passou para traçar medidas de emergência tendo em vista reduzir o desemprego. Os chefes de governo da Europa entenderam que este é o principal problema que seus países enfrentam no momento e será também nos próximos anos, pois, embora suas previsões indiquem que vá haver um crescimento da economia da região, não há qualquer garantia de que o emprego também crescerá.

O crescimento econômico é um dos fatores para a solução deste problema – necessário, mas não suficiente.

Depois de discutir diversas alternativas, inclusive a que será adotada pelo governo francês, com a criação de milhares de empregos temporários para jovens, subsidiados pelo governo, o conjunto dos países decidiu se fixar nas causas e não nos efeitos do desemprego. E decidiu dirigir todas as suas forças para a educação e formação profissional – estas serão, a partir de agora, as principais bandeiras da Europa.

Por que o desemprego aumentará na Europa (e certamente também nos demais países) embora a economia cresça? Porque as empresas necessitarão estar competitivas, o que significa elevar seu nível tecnológico. Qualquer esforço no sentido de desenvolver a economia sem elevar a competitividade das empresas acabará em uma grande frus-

tração, porque a competição – inclusive global – é inevitável. As empresas precisam elevar sua produção e, muitas vezes, reduzindo seu quadro de pessoal.

Não passou pela cabeça dos dirigentes europeus qualquer restrição à automação das empresas, porque isto significa um suicídio econômico. A Europa quer reduzir os entraves à competição internacional e não elevar barreiras alfandegárias para proteger uma economia improdutiva.

A principal diretriz adotada foi a de concentrar todos os esforços na melhoria dos sistemas de educação e formação de pessoal. Os países europeus – que, de modo geral, já contam com bons sistemas educacionais – vão reforçar a qualidade destes sistemas, pois entenderam que este será, cada vez mais, o fator determinante do desemprego.

A economia do futuro tende a criar muitas novas ocupações, especialmente nos setores relacionados com serviços, e atentadamente com a participação de pequenas e médias empresas – novas empresas que virão preencher necessidades que a nova economia vai acentuar. Será necessário que tais iniciativas sejam adotadas por profissionais com formação e com iniciativa, que tragam dinamismo ao ambiente econômico.

Quais as características destes profissionais que se tornam necessários e escassos na nova sociedade de serviços? É preciso investir em sua formação, massificar, em

todos os meios capazes de transformar a sociedade como um todo, no que se refere a suas aptidões profissionais e também a sua atitude em relações de trabalho e iniciativa.

O mundo do trabalho é sem dúvida a área de atividade humana que mais reflete a revolução tecnológica que vivemos. A competição global faz com que a produtividade tenha de ser compulsivamente buscada, uma questão de vida e morte de cada empresa e dos respectivos empregados. A empresa precisa se tornar competitiva, mesmo que tenha de se desfazer de alguns postos de trabalho, para salvar a própria existência e, portanto, todos os seus postos de trabalho.

A alternativa a essa situação seria a criação de reservas de mercado destinada a preservar as empresas – mesmo que não sejam competitivas – e seus respectivos empregos. Este método adia o problema e cria uma crise muito maior no futuro que não será muito longínquo. Se adotada esta solução, os empresários e empregados deixarão de se preocupar com sua própria adaptação a uma nova economia que está chegando inevitavelmente.

Preparar empresários e empregados para essa nova realidade foi a opção adotada agora pela União Européia – o que parece uma receita para todos os países.

* Deputado Federal, presidente da Comissão de Economia, Indústria e Comércio e economista